



Nuno Costa Santos

# As casas nascem, vivem e morrem

Volto a casa dos meus avós maternos, na Rua José Estevão, em Lisboa. Vivi aqui durante dez anos e tenho voltado nos últimos três. É uma casa importante. Um dia deixará de estar na família. Ruy Belo diz no poema: “Oh as casas as casas as casas/ as casas nascem vivem e morrem”. Se uma casa nasce, vive e morre, e foi muito importante para quem nela morou, merece um gesto de reconhecimento.

Não temos esses gestos para com as casas que deixamos. Passamos a chave e adeus. As casas não merecem isso. Esta casa não merece isso. Aqui viveram os meus avós, aqui tiveram filhos, aqui receberam genros e noras, aqui acolheram netos, amigos de netos.

Circulo nos corredores, nos quartos. Visito estantes, olho os livros, tantos deles fundamentais para a minha formação, trago para a mesa da sala os álbuns de fotografia, que comprovam o lugar de vida, com jantares, festas, animações. Um jardim de infância doméstico para a trupe de crianças da família.

Há um quarto que tenho algum pudor em visitar. O quarto dos meus avós. Estão lá as fotografias deles. Mas também está a marca da religiosidade da minha avó. Ela que, estando agora em São Miguel, trouxe o modo como os açorianos conversam com o divino enquanto se protegem de tempestades, vulcões e terremotos. Estão os terços, as imagens. São gravadores que contêm as conversas mantidas entre a minha avó e o seu mundo outro.

É uma casa de um bairro: o bairro da Estefânia. Sempre tive uma obsessão por bairros. Porque sou ilhéu e porque, ao vir viver para uma grande cidade, organizei o espaço por ilhas. Uma ilha é um bairro, um bairro é uma ilha. Neste bairro da Estefânia, como noutros bairros, sempre me senti protegido, entre cafés, retrosarias, lojas de roupa e mesmo farmácias.

Havia um lugar decisivo entre estes lugares importantes: a loja de jornais do senhor Gulamo. Muito conversei com o senhor Gulamo, indiano de Moçambique, terno amigo a quem comprei muitas publicações, com quem muito falei sobre tudo.

Este bairro também é, para mim, um bairro literário. Foi neste bairro, entre estas lojas de bairro, que me cruzei com alguns escritores. Na rua abaixo, a Passos Manuel, ficava a livraria da Assírio & Alvim, onde me abasteci de muita literatura. Onde, uma vez, me reuni com o editor Manuel Hermínio Monteiro por causa do interesse de um conjunto de poetas mexicanos no Al Berto. Onde vi o poeta e tradutor José Bento. E onde me cruzei com Fernando Assis Pacheco, que trazia uma das suas camisas africanas, sempre dispostas a contrastar com a Lisboa dos cinzentos. Num café ali perto, avistei Herberto Helder, na altura a mais mítica das figuras, a tomar um café com os da casa. Ao lado da Assírio e Alvim está hoje uma sex shop. Acho graça a esse contraste e, por isso, escrevi um poema meio brincalhão sobre o assunto. Lá estão elas – a livraria e a sex-shop. Qual delas a mais educativa?

Vive nesta rua a poeta Adília Lopes. À conta da sua reclusão, também se transformou num mito. Urbano, dirá, para, connosco, se rir, se divertir. Sei mais ou menos onde mora, sei que mora com muitos gatos, sei que merece o seu descanso. A Adília. Cheguei a conhecê-la quando, há 20 anos, fiz um programa de televisão chamado Zapping. Já não a vejo há muito tempo. Fechou o Danúbio, o café da sua preferência diária. Gostava de fazer um trabalho audiovisual sobre ela. Um gesto que respeite o seu silêncio.

Final de tarde. Levanto-me. Passeio, descalço, sobre o tapete. O sol faz desenhos nos cadeirões, com o recorte das persianas. Um dia acontecerá. Toda a casa tem a sua cortina.

## Sinfonietta de Ponta Delgada com concertos na Universidade dos Açores e na Banda Fundação na Brasileira

A Sinfonietta de Ponta Delgada regressa com uma apresentação dupla. No dia 14 de Maio, na Aula Magna da Universidade dos Açores, às 21h00, e no dia 15 com concertos na Aula Magna da Universidade dos Açores e na Blackbox da Banda Fundação na Brasileira, numa apresentação às 17h00.

O programa abre com uma homenagem ao músico ucraniano Myroslav Skoryk, com uma melodia para orquestra de cordas. A parte intermédia do concerto é preenchida pela Serenata de Lyden, uma obra ritmada e viva escrita em quatro andamentos. Por fim, a Sinfonietta, pela direcção de Amâncio Cabral apresenta a magnífica Noite Transfigurada.

A obra apresentada em concerto pela Sinfonietta de Ponta Delgada é o drama por excelência, sem palavras, ainda que se enquadre na perfeição ao poema da autoria de Richard Dehmel que serviu de inspiração e base para a composição.

A história da obra conta o diálogo entre dois amantes, que à luz da lua, a Mulher confessa a culpa numa gravidez proveniente de um relacionamento anterior. É no consentimento do Homem perante um dos milagres da natureza, que da noite trágica surge a “Noite Transfigurada”.

Toda a obra se desdobra na ilustração de temas de uma dimensão emocional desmedida, cada um deles representando



um dos personagens presentes no poema. Numa obra em que se ilustra o extremo em música, fica ainda um mundo inteiro de música por expor. Ainda que todo o enquadramento musical seja pautado por uma rede dissonante e complexa composição polifónica, o ouvinte é implicado na trama e é domado pelos sentimentos expressos. Obra máxima do expressionismo musical, é a maturidade absoluta em música e a exigência emocional e musical em palco.

## Santa Cruz recebe exposição itinerante “Memórias Fotográficas do Concelho da Lagoa”

A Praça Velha, actual praça da República, em Santa Cruz, assistiu ontem à inauguração da exposição itinerante “Memórias Fotográficas do Concelho de Lagoa”.

No âmbito das comemorações dos 500 anos de elevação de Lagoa a vila e a sede de concelho e dos 10 anos de cidade, a Câmara Municipal de Lagoa, através do Museu de Lagoa-Açores, organizou esta exposição que ficou, inicialmente, patente no átrio do edifício dos Paços do Concelho.

De relembrar que, esta é uma mostra documental que resgata as memórias colectivas relacionadas com o concelho de Lagoa, através da exposição de 44 fotografias alusivas a paisagens costeiras e rurais, vistas de núcleos urbanos e construções, datadas entre o século XIX e XXI, permitindo fazer uma comparação entre o passado e o presente.

Esta exposição itinerante tem uma duração de 9 meses, mais precisamente de Abril a Dezembro de 2022 e para além de percorrer as cinco freguesias lagoenses, irá descolar-se, igualmente, aos lugares de Atalhada e Remédios e a algumas cidades geminadas, nomeadamente aos Estados Unidos da América e ao Canadá.

Nesse âmbito, após a permanência na freguesia de Santa Cruz, a mostra fotográfica irá deslocar-se para a praça de N. Sra. do Rosário, na freguesia de N. Sra. do Rosário, mais precisamente no dia 14 de Junho, a partir das 18h00, seguindo para o Largo



Dona Amélia, no Cabouco, no dia 11 de Julho, à mesma hora.

Por seu turno, a exposição ficará patente na praça da República, em Água de Pau, no dia 11 de Agosto, às 18h00 e deslocar-se-á no dia 14 de Setembro, no mesmo horário, para o Adro da igreja de São José, na Ribeira Chã. Finalmente, no dia 11 de Outubro, o Adro da Ermida de N. Sra. dos Remédios, no lugar dos Remédios, recebe esta mostra documental pelas 18h00, seguindo para o lugar da Atalhada, no largo fronteiro à Associação Atalhada Futebol Clube, no dia 11 de Novembro, às 16h00.